

## Édipo Rei

### Sófocles

#### Vida

Sófocles, poeta trágico, nasceu no ano de 496 a.C. e morreu em 406 a.C. em Colono, subúrbio de Atenas. Filho de um rico fabricante de armaduras, recebeu boa educação. Por sua beleza física, sua bravura e seu talento musical, foi escolhido aos 16 anos para dirigir o paeon, com a finalidade de celebrar a vitória imposta aos persas na batalha de Salamina.

Era bem apessoado e afável; consta que foi amigo de Péricles e de Heródoto, e que Íofon, seu filho, e Áriston, seu neto, foram tragediógrafos de renome.

Graças a seu prestígio, o poeta participou ativamente da vida política de sua pátria. Foi um dos tesoueiros a administrar os tributos pagos pelas cidades constituintes da confederação de Delos, e eleito no mínimo duas vezes estrategô (strategôs, comandante do exército em expedições militares), como colaborador de Péricles. Em 413 a.C., já com 83 anos, era um dos dez proboulos, conselheiros responsáveis por organizar a recuperação de Atenas após a terrível derrota em Siracusa, na Sicília. Nessas atividades ele ficou muito aquém do renome, de sua excelência como poeta.

Sófocles aperfeiçoou a tragédia grega, diminuindo a importância do coro e introduzindo uma terceira personagem na ação. Substituiu a trilogia unida pela trilogia livre, em que cada um dos dramas é bastante independente. A ação nas tragédias de Sófocles é psicológica, ou seja, conduzem-na a vontade e as paixões do herói. E por falar em herói, este era caracterizado como aquele que debate, questiona, estabelecendo uma antítese entre vontade

humana e destino. Os componentes dessa antítese devem caminhar juntos para a compreensão da realidade e de si mesmos.

Sua primeira vitória nos concursos dramáticos das festas dionisíacas ocorreu em 468 a.C. e foi o marco inicial de uma carreira de sucesso e produtividade sem paralelo, na qual venceu o grande tragediógrafo Ésquilo. Ao todo, Sófocles escreveu 123 peças para essa competição dramática anual e obteve 24 vitórias e expressivos segundos lugares que significaram exatamente 76 peças premiadas e feitos inigualáveis na história literária ateniense.

De todas as peças escritas por Sófocles, só restaram sete completas. A mais antiga é Ajax (450 a.C.), ainda muito influenciada pelo estilo de Ésquilo. Depois veio Antígona (442 a.C.), tragédia da boa filha que morreu por obedecer aos mandamentos divinos em contraposição à vontade despótica do tirano, Sófocles problematiza questões fundamentais para o espírito humano, como o limite da autoridade do Estado sobre a consciência individual e o conflito entre leis da consciência (não-escritas) e o direito positivo. Aborda, também, temas como o orgulho, o amor e o protesto dos jovens contra a prepotência dos pais. Édipo rei (430 a.C.), sua obra-prima, narra a tragédia do homem que, perseguido pelo destino traçado pelos deuses, mata o pai e casa-se com a mãe. “Do ponto de vista pragmático, o autor a utilizou na defesa dos seus direitos de gerir os próprios recursos até o fim da vida, contra a ameaça de interdição que Lofonte, seu filho legítimo, impetrou no judiciário ateniense”.

Suas outras tragédias são Electra (425 a.C.), As traquínias (420-410 a.C.), Filoctetes (409 a.C.) e Édipo em Colono, representada em 401 a.C., após sua morte, e que é o final poético da tragédia de Édipo. Por fim, resta um fragmento de quatrocentos versos de Os investigadores e outros fragmentos soltos de peças, os quais estão presentes e conservados em citações de autores posteriores.

A peça Édipo em Colono é uma seqüência de Édipo Rei, na qual as belezas da sua terra natal são exaltadas; foi escrita por Sófocles pouco antes da sua morte, obtendo o primeiro lugar no concurso trágico de que participou. Diz-se que alguns meses antes de sua morte,

ao saber que Eurípides morrera, vestiu o coro de preto e, em lágrimas, deu ao público a notícia. Sófocles morreu em Colono, sua terra natal, em 406 a.C.

## Lógica

“Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).”[1]

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”[2]

Incesto, relação familiar, política, busca e encontro da verdade, culpa, sofrimento, confronto com o destino, coragem para enfrentá-lo, tragédia. Esses são alguns dos muitos pontos importantes presentes em Édipo Rei que, tratados por seu autor de forma lógica, racional e sobretudo refinada e bela, serão apresentados e, numa tentativa de alcançar um resultado satisfatório para um melhor entendimento do clássico, concatenados no presente texto.

Homero, num trecho da Odisséia, fez a primeira menção escrita à tragédia de Édipo; existiram ainda outros autores que retomaram esta lenda, porém, foi com Sófocles que ela tomou maior brilhantismo. Esta tragédia foi narrada em três de suas obras: Édipo Rei, Édipo em Colona e Antígona. O Mito de Édipo Rei torna-se, assim, um dos temas mais reverenciados tanto na arte grega antiga como na arte neoclássica. A lógica em Édipo não é estática, aprisionada em um único universo de análise, ela é um campo de que várias abordagens teóricas podem se apropriar. Assim, o Édipo poderia ser estudado tanto nos altares do campo psicanalítico como numa discussão que abrangesse o poder, o saber, o imaginário das artes plásticas e a criação literária.[3]

O autor, utilizando uma linguagem simples e elegante, através de um texto poético, triunfa na sua tarefa de encadear os acontecimentos, de modo que, no fim, produz na platéia uma

projeção/identificação com a obra, estabelecendo uma relação entre esta e a realidade daquela, um fervor e uma compaixão que culminam numa purgação das emoções e mesmo numa catarse. Isto porque mistura verdade e fantasia, riso e lágrimas, entusiasmo e terror, despertando essas emoções e impedindo que o público, familiarizado com a estória (se bem que aqui também seja possível falar em história)[4], permaneça passivo diante do que vê.

O teatro de Sófocles privilegia o homem, seus sentimentos. Praticamente toda a ação se desenvolve no plano humano, as divindades aparecendo num plano secundário, sem interferir nos planos dos mortais, diferentemente dos mitos.

Em Édipo Rei, o comportamento do herói impõe toda a ação dramática em que a obra se organiza. A partir dele e dos outros personagens que com ele vão interagindo, obedecendo a uma estrutura que é própria do teatro (atores, cenários, figurinos, além da divisão em prólogo, párodo, episódios, etc.)[5], Sófocles constrói sua estória, desenvolve e encadeia diversos temas que até hoje são profusamente analisados, discutidos e utilizados como alicerce a diversas teorias e discussões.

Esses assuntos (incesto, destino, culpa, etc.) tomam corpo e sentido quando ligados no decorrer da obra, através da encenação dos atores (em número de três, além do Coro). Assim, Tirésias, Creonte, Jocasta, O Sacerdote, etc., cada um a seu modo, num certo momento e circunstância, interagem com Édipo, contribuindo para que este prossiga na busca de sua identidade e da tão almejada verdade sobre sua vida e sobre os fatos que a circundam, descoberta que, quando efetuada, trará nada mais do que dor e expiação àqueles que com ela mantenham alguma relação.

Para Sófocles, o sofrimento consubstancializado em Édipo representava o meio que o homem tinha para alcançar sua verdade e libertar-se da culpa que o atormentava, fosse causada por atos praticados de forma consciente ou não (embora aqui não se possa ainda falar da noção de inconsciente). Os heróis de Sófocles (no caso Édipo), apesar de pessoas moralmente superiores, produziam terríveis e temíveis ações das quais muitas vezes não

podiam se furtar, despertando na platéia, diante de tal situação, uma compaixão muitas vezes cúmplice, dado que o que sucedia no palco poderia ocorrer na vida de cada um.

O conhecimento, em Édipo Rei, não traz nada de bom; pelo contrário, acarreta desespero, desterro, autoflagelação. É esse o desfecho de uma trajetória que, registre-se, é povoada de enigmas, muitos mais do que aquele colocado pela Esfinge e que, agora, não mais terá como vitorioso o personagem que dá título à obra, que passará a colecionar perdas, no plano individual e também no coletivo.

No âmbito coletivo, perde Édipo o estado de soberano, perde o respeito, a admiração e a altivez: transforma-se num desterrado. Na esfera individual presencia uma destruição incomum do seu círculo familiar, se depara com uma inversão total de papéis, através da qual de filho transforma-se em parricida e de amante, em incestuoso. Culpado – ignorando-se, nesse momento, se poderia ou não ter evitado tais atos –, indigno de ocupar a posição que ora preenchia.

A família, em torno e a partir da qual muitos elementos virão à tona[6], é formada por três personagens: Laio, o pai, que não aparece na cena, mas que de modo algum pode ser desprezado, visto que é um dos pilares do conflito; Jocasta, mãe, amante, personificação dos atos terríveis cometidos por Édipo, que não suportando as conseqüências das revelações que vêm à tona, se suicida, deixando Édipo agora viúvo e órfão. Essa tríade é apresentada por Sófocles de modo tal que, por mais que tentem, nunca poderão se livrar uns dos outros, e ainda que pensem estar fugindo ou enganando seus destinos, em algum momento de suas vidas se confrontarão de forma impiedosa com eles.[7] Dentro desse universo, é possível observar o aparecimento do incesto, da culpa, do suicídio, do parricídio, da proeminência do destino.

Tais tópicos são, por natureza, carregados de dramaticidade, fato que não foi desprezado por Sófocles, que utilizou os recursos teatrais para dar-lhes ênfase e captar o público, ao mostrar-lhes, com uma nova roupagem, episódios correntes da vida humana. Pode-se afirmar, então, que o modo como foi construída e apresentada a obra foi extremamente

feliz, pois foi capaz de harmonizar o conteúdo com a forma, sem desprezar toda a carga dramática que permeia o texto nem ofuscar os detalhes que a tornaram tão rica e fascinante, mesmo depois de todos esses anos.

-----

[1] CALVINO, Italo. Por Que Ler os Clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 9

[2] Ibid., p. 11

[3] Luiz Gonzaga MEDEIROS BEZERRA. UFRN/UNP.

[4] As tragédias gregas apresentavam temas pertencentes à história da sociedade, antes já contados de forma oral através dos tempos, e depois passados para a forma escrita. Faziam parte de seu acervo cultural. Édipo, por exemplo, foi também tratado por Sêneca, o que mostra que não foi uma invenção Sofocliana.

[5] Segundo Aristóteles, uma obra teatral clássica seria um tipo de arte que empregaria de uma vez recursos variados, definindo em relação a estes cinco elementos: cenário; meios de expressão (“lexis”, a palavra); idéias desenvolvidas pelos autores, justificando os atos dos personagens; a melodia, (“melos”), constituída não só pelas músicas, mas também pelos trajes, máscaras, estímulos ao inconsciente dos espectadores; a ética do ator ao interpretar, definindo a qualidade dos personagens, seus comportamentos e costumes.

[6] Devido a sua natureza clássica e a sua riqueza de detalhes, Édipo Rei influenciou pensadores do quilate de Freud, que se utilizaram de alguns de seus elementos, como a triangulação Édipo/ Jocasta/ Laio, para sustentar toda uma teoria que revolucionaria o pensamento ocidental: “Ele, seguramente, não é só uma demonstração do caráter erudito do pensamento freudiano, mas se constitui, traduzido, num eixo de sustentação da teoria psicanalítica”. (MENEZES, José. Complexo de Édipo: versão psicológica do mito.)

[7] É apenas através dos oráculos e dos adivinhos que os deuses pagãos se farão presentes nas obras de Sófocles, devido ao já falado caráter antropológico de suas tragédias.

## Meio

O século V a.C. marca o clímax da Grécia Clássica, é considerado pelos helenistas a Idade de Ouro da civilização grega e ficou conhecido também como o “Século de Péricles”. Neste momento, Atenas se destaca como a mais proeminente cidade da Hélade. A cidade-estado distinguia-se das demais por sua cultura, prosperidade e poderio militar, foi o berço da democracia grega. A ela pertenciam navegadores, comerciantes, estadistas, filósofos, poetas e artistas. É a época da grande Tragédia, da grande Comédia, do escultor Fídias e do filósofo Sócrates. É a era do historiador Tucídides e do filósofo Demócrito.

“De tal modo a nossa cidade se distanciou dos outros homens, no que toca ao pensamento e à palavra, que os seus alunos se tornaram mestres dos outros, e o nome de gregos já não parece ser usado para designar uma raça, mas uma mentalidade, e chamam-se helenos mais os que participam da nossa cultura do que os que ascendem a uma origem comum.” [1] (Isócrates, mestre da eloquência grega, em seu discurso, enfatizando o universalismo da cultura helênica).

Foi no século V a.C. que os gregos venceram o seu maior inimigo, aquela nação que anteriormente detinha a hegemonia sobre os povos do Mediterrâneo e do Oriente Próximo na Antigüidade, a Pérsia.

No início do século V a.C. a expansão dos persas pelo mar Egeu e a conquista das cidades gregas da Ásia Menor desencadearam as Guerras Médicas. Depois de sucessivas invasões persas, os gregos finalmente definiram a situação na Segunda Guerra Médica. Em terra, destacou-se a resistência espartana no desfiladeiro das Termópilas; no mar, a esquadra ateniense venceu os persas na batalha naval de Salamina, a mais importante das Guerras Médicas. Os persas retiraram-se da Grécia para a Ásia Menor, onde foram derrotados

definitivamente, no que tange ao controle político do Mediterrâneo, no ano de 479 a.C., quando as cidades-estados gregas arrasaram as forças do rei Xerxes.

A principal consequência das Guerras Médicas foi o apogeu econômico, político e cultural da Grécia clássica, assim como a decadência do império persa.

“Durante muito tempo, sobre o solo da Ásia não mais se obedecerá à lei dos persas. Não mais se pagará tributo sob coação imperial. Não se cairá mais de joelhos para receber ordens. O Grande Rei não tem mais força. As línguas não sentirão mais a mordaca. Um povo está desatado e fala livremente. No seu chão sangrento, a ilha de Salamina, que as ondas batem, retém em seu solo o poderio persa.” [2] (Canto de libertação composto por Ésquilo, criador da tragédia grega)

Dois anos depois desta vitória, os atenienses criaram a Liga de Delos, da qual fazia parte a maioria das cidades-estado da Grécia e tinha fins estritamente militares. A liderança dessa liga transformou Atenas na mais poderosa cidade-estado da Grécia. Sob o governo de Péricles (443-429 a.C.), Atenas atingiu o seu apogeu.

Este sucesso bélico e econômico da Hélade foi a base para o crescimento e o fortalecimento das já delineadas instituições democráticas. Nessa época, a política de Atenas foi, ao mesmo tempo, democrática e imperialista. As reformas democráticas aumentaram a participação dos cidadãos no governo, cujo desenvolvimento cultural transformou-a na “escola da Hélade”. Através de uma política externa imperialista Atenas procurou dominar outras cidades-estados e estender sua supremacia a toda a Grécia. No auge de seu poder, Atenas dominava, através da Liga de Delos, mais de 400 cidades-estados.

O grande articulador desta gloriosa Atenas, Péricles, foi eleito general pela primeira vez em 460 a.C. e sucessivamente recolocado no poder por meio do voto, por praticamente 30 anos. Por iniciativa sua, os fundos do tesouro da Liga de Delos passaram a ser usados no embelezamento de Atenas. Péricles defendia a idéia da paz como uma situação favorável

para o crescimento econômico e cultural da Hélade. É com Péricles que o teatro grego adquire o seu esplendor. Como contemporâneo de Ésquilo incentivou os cidadãos mais pobres a irem ao teatro, instituindo um subsídio. Com o objetivo também de estimular o povo a participar das sessões do tribunal, instituiu o pagamento de uma determinada quantia aos freqüentadores.

A arquitetura e a escultura foram as artes que mais se desenvolveram na Grécia antiga. Na arquitetura, os principais estilos eram o jônico, o dórico e o coríntio. As obras-primas da arquitetura grega foram o Partenom, em Atenas, e o templo de Zeus, em Olímpia. Fídias (Palas-Atena e o Zeus de Olímpia), Míron (O discóbolo) e Praxíteles (Hermes, Dionísio menino e Vênus de Cnido) foram os maiores escultores gregos. Na poesia épica destacou-se Homero (Ilíada e Odisséia) e na poesia lírica, Píndaro, Safo e Anacreonte. O teatro grego produziu o drama e a comédia. No drama, destacaram-se Ésquilo (As suplicantes, Os persas, Os sete contra Tebas, Prometeu acorrentado e Oréstia), Sófocles (Antígona, Electra e Édipo-Rei) e Eurípedes (Medeia e as Troianas). Na comédia destacou-se Aristófanes (As rãs, As nuvens, Os cavaleiros e Lisístrata).

Hipócrates de Cós foi considerado o “pai da Medicina”. Na matemática, destacaram-se Tales de Mileto e Pitágoras. Na historiografia, Heródoto (“pai da história”), Tucídides (Guerra do Peloponeso) e Xenofonte (Anábase). Péricles e Demóstenes (Filípicas) foram os mais brilhantes oradores da eloqüência grega. A filosofia foi fundada por Tales de Mileto e surgiu nas cidades gregas da Ásia Menor. Estendeu-se depois para a Grécia continental e atingiu o apogeu em Atenas. Na Grécia surgiu a Escola dos Sofistas, cujo maior filósofo foi Protágoras de Abdera. Sócrates, Platão e Aristóteles assinalaram o apogeu da filosofia grega. Sócrates não deixou obra escrita e seu pensamento filosófico foi divulgado por seu discípulo Platão. Este escreveu os diálogos (A apologia de Sócrates, Críton, O banquete, Fédon, Timeu, As leis) e concebeu uma república ideal, governada por filósofos, cujo modelo era Esparta (A república). Aristóteles, discípulo de Platão, criou a lógica formal; sua obra Organon (física, metafísica, política, retórica e moral) sistematizou o saber de sua época. O pensamento aristotélico influenciou a filosofia escolástica da Europa medieval.

Os Mitos são muito importantes em todas as culturas, já duram muitos séculos e não têm autores conhecidos porque foram elaborados por um povo e tocam as raízes do humano universal. Na realidade, os mitos constituem a ideologia religiosa dominante dessas sociedades, determinadas pelas relações dos homens entre si e com a natureza no processo da produção. Devido ao pouco desenvolvimento das forças produtivas, a consciência mítica devia ser muito poderosa entre os povos antigos. A consciência teórica, prática e estética, o mundo da linguagem e do conhecimento, da arte, do direito e da moral, as formas fundamentais da comunidade e do estado, todas elas se encontram originalmente ligadas à consciência mítico-religiosa. E foi exatamente o que aconteceu com o mito de Édipo, dada a beleza da tragédia Édipo Rei e a autoridade olímpica de Sófocles, o mito por ele poetizado passou a ser cartilha por onde se reza e se psicanalisa.

O Teatro foi também uma das maiores realizações dos gregos antigos, cujas influências continuam a se fazer nos nossos dias. Os gregos praticaram dois gêneros dramáticos: a tragédia e a comédia. A tragédia originou-se das festas rurais em homenagem ao deus Dionísio, simbolizado por um bode (tragos). Aos poucos, foram-se introduzindo nessas cerimônias religiosas os elementos dramáticos que comporiam a representação teatral: o corifeu (cantor principal), o coro (que dava respostas), atores, diálogos etc. Os três grandes autores de tragédias que conhecemos, todos do século V a.C, são Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Sófocles, talvez o maior de todos, teve como tema dominante de suas tragédias o conflito entre o indivíduo e a sociedade. Escreveu, dentre outras, Édipo Rei e Antígona.

“Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o Homem! Singrando os mares espumosos, impelido pelos ventos do sul, ele avança, e arrosta as vagas imensas que surgem ao redor! Geia, a suprema divindade, que a todas as mais supera, na sua eternidade, ele a corta com suas charruas (...) E a língua, o pensamento alado, e os costumes moralizados, tudo isso ele aprendeu! (...) Industrioso e hábil, ele se dirige ora para o bem, ora para o mal (...). Confundindo as Leis da Natureza, e também as leis divinas a que jurou obedecer, quando está à frente de uma cidade, muita vez se torna indigno, e pratica o mal, audaciosamente!” [3]

A hegemonia da Hélade sob o comando de Atenas termina por criar uma situação de antagonismo com a segunda mais importante cidade-estado grega, Esparta. As rivalidades econômicas, políticas e culturais entre Atenas e Esparta agravaram-se após as Guerras Médicas. A política imperialista de Atenas, que comandava a Liga de Delos, chocou-se com os interesses de Esparta, que liderava a Liga do Peloponeso. O acirramento desta rivalidade culmina com a Guerra do Peloponeso em 431 a.C. A guerra chegou ao fim em 401 a.C. com a vitória de Esparta sobre Atenas. Esta guerra representa o fim da grande Atenas.

Durante o Peloponeso, no ano de 429 a.C., morre Péricles, vitimado por uma epidemia que atingiu a cidade. Este é o cenário histórico no qual se desenvolveu a obra de Sófocles, Édipo Rei.

---

[1] Apud Itaussu, Leonel. História Antiga e Medieval. São Paulo, Ed. Scipione, 2001.

[2] Idem.

[3] SÓFOCLES, Antígona, Edições de Ouro, p.164.

## Críticas

Édipo Rei é a primeira peça da trilogia de Sófocles (dramaturgo grego), seguida por Édipo em Colono, e Antígona. Sófocles foi um dos três grandes poetas da Grécia Antiga, juntamente com Ésquilo e Eurípides, e sua obra Édipo Rei consagrou-o como “o maior trágico da antiguidade grega”.

Antes de se discutir sobre a obra de arte do gênio poético Sófocles, que ele intitula Édipo Rei, vale ressaltar que o mito de Édipo já era conhecido na Grécia. De acordo com Junito Brandão, havia na Grécia um limiar entre mito e literatura, já que esta tinha como matéria-prima o próprio mitologema. O artista, quando escrevia suas obras literárias, se baseava não só em critérios religiosos, mas em ditames estéticos. Existe uma grande diferença entre o momento de narração de um mito, que era uma prática sagrada na polis, mesmo que fundamentada no próprio mito, e o da composição de uma obra de arte. O mito sobrevive através de todas as suas variantes; a obra de arte de conteúdo mitológico expressa apenas uma dessas variantes. “Dado o imenso prestígio alcançado pela poesia na Hélade, a versão do poeta, ao narrar o mito, impunha-se à consciência pública: instituía-se dessarte o mito canônico, com abandono das demais variantes, talvez de menor eficácia do ponto de vista artístico, mas nem por isso de menor importância do ponto de vista religioso”. Sabe-se que existem outras versões do mito de Édipo, pouco poéticas, mas tão ou mais importantes do que o texto de Sófocles, recriado genialmente por este trágico ateniense. Sem acusações nem condenações à obra de arte: “(...) a beleza da tragédia Édipo Rei e a autoridade olímpica de Sófocles, o mito por ele poetizado passou a ser a cartilha por onde se reza e se psicanalisa! Temos consciência plena de que o mito de Édipo não deixou de existir, por ter sido revestido de arco-íris pelo gênio poético de Sófocles”.

A linguagem de Sófocles responde às necessidades dramáticas do momento: pode ser laboriosamente pesada ou ágil, emocionalmente intensa ou despreocupada; extremamente rebuscada ou perfeitamente clara e simples. Seu tema predileto, como de toda a tragédia grega, foi o destino, ou seja, a impotência do homem em lutar contra o destino. Sófocles, conquanto tivesse o homem como o centro do mundo, acreditava no poder dos deuses e na predestinação. “Sua obra carece de conotação épica própria das tragédias de seu predecessor Ésquilo, mais arcaico e religioso, e difere dos episódios de seu contemporâneo Eurípides, mais humano, psicológico e sofisticado”. Sua poesia é a preferida dos classicistas de todas as épocas.

Sófocles, por volta de 429 a.C., apresentou em Édipo Rei o drama de uma família Real. Édipo, rei de Tebas, mata seu pai, Laios, e casa-se com sua mãe, a rainha Jocasta. Dessa

união nasce, então, um drama que assombra toda uma família e que “personifica todo o martírio de um povo”. Édipo tem o seu destino traçado.

O Prólogo do Édipo Rei de Sófocles pode ser interpretado como um “enigma hermenêutico”. Ao longo de seu desdobramento, algumas alusões textuais sugerem a presença ativa de um só sacerdote em cena, o sacerdote de Zeus. Este, quando interpelado no início da peça por Édipo, lhe expõe os motivos do afluxo dos tebanos suplicantes reunidos junto aos altares do palácio. Entretanto, logo no começo de sua exposição, o sacerdote de Zeus, direcionando o olhar de Édipo para a visão da comunidade presente diante dele no início da narração literária, refere-se a sacerdotes, no plural.

Percebe-se que no começo de Édipo Rei Sófocles já apresenta o trágico protagonista como um homem nobre e disposto a ajudar os cidadãos de Tebas contra a praga que assola a cidade. Os “filhos de Tebas” procuram Édipo e se reúnem em frente aos seus “altares” para que este encontre mais uma vez uma solução para a “peste” que dizima a cidade. Um sacerdote é escolhido porta-voz do povo de Tebas para relatar o caos que assola o reino de Édipo. Desde então é mostrada uma relação de extrema confiança do povo no glorioso e humanitário rei – “ó melhor dos mortais”. Como ele salvou o povo da cruel Esfinge, decifrando o enigma que esta impôs aos habitantes de Tebas - com isso recebe de presente o reino de Tebas e a mão de Jocasta -, os cidadãos pedem de novo a sua ajuda.

Édipo é um personagem que quer saber a verdade. Ele, como o próprio texto relata, sofre tanto quanto seu povo. Sua dor é incomensurável: Édipo sofre pelo seu país, pelos seus cidadãos e por si mesmo. Quando Creonte (cunhado de Édipo) traz a resposta do Oráculo, Édipo lhe diz que exponha o que Apolo – deus do Sol – havia dito sobre o Mal que aflige sua nação. Creonte pergunta ao rei se ele quer ouvir a resposta em privacidade. Édipo, dignamente, pede que seu cunhado diga a resposta na frente de toda sua gente, mostrando igualdade entre todos e, principalmente, que não guarda segredos perante seu povo.

A resposta dada pelo Oráculo é que em Tebas reside o assassino de Laios, que amaldiçoa a sua pátria. Édipo, indignado, convoca todo o povo para encontrar esse culpado. Porém,

quando o cego Tirésias, vidente iluminado, através do diálogo que trava com Édipo, lhe revela que o próprio Édipo é o assassino e tirano que todos tanto buscam, este se mostra surpreso e chocado com a revelação. Com seu temperamento inflamado, o rei acusa Tirésias de traidor e mentiroso, afirmando que este, além de ser cego dos olhos, é cego também dos ouvidos e do espírito. Embora não acredite na afirmação de Tirésias, é instaurada a dúvida em Édipo, e este no desenrolar da trama vai tentando encontrar explicações para tal acusação, através de detalhes e testemunhas.

Com efeito, o fato encontra forte aliado em Édipo, que, por fim, descobre toda a verdade irremediável: ele era o parricida, e culpado de incesto. Sem ser moralmente culpado, Édipo é psicologicamente responsável pelos tormentos e males que todos estavam sofrendo. Segundo Sófocles: “só o sofrimento dá ao homem a verdadeira energia da alma”, isto é, só através da angústia, dor, desgosto, etc., o ser humano alcança a nobreza e elevação de espírito e suas grandes virtudes.

Jocasta – sua mãe – se suicida e Édipo, de posse da verdade, vaza os próprios olhos. Pela sua “inocente” desgraça ele se torna símbolo da infelicidade de um povo e, como tal, vê-se obrigado a purificá-lo através do seu próprio sacrifício, ou seja, através da perda de sua visão.

A perda da visão pode servir como “elemento hipotético de uma certa reestruturação e ordem social. Talvez a tragédia do Rei Édipo possa ser vista como um exemplo de entropia, em que a união carnal entre mãe e filho corresponderia à desestabilização do sistema social”. A perda da visão de Édipo, o seu refúgio e afastamento de Tebas funcionariam como a única forma possível de restabelecer a homogenia do sistema.

Além disso, se Édipo era feliz quando não via a realidade, imaginando-se um afortunado rei, bem casado, pai de quatro filhos, quando na verdade era um parricida incestuoso, “seria a cegueira uma tentativa inconsciente de voltar e um estado de “não-ver” e, portanto, de felicidade?” Ou uma forma de redução da sua culpa? Ainda defesa dos próximos crimes? Busca de introspecção? Ou imitação a Tirésias?

Uma crítica ao Édipo está presente em *As Verdades e as Formas Jurídicas*, de Michel Foucault, “se fosse o caso de tratar-se de um drama familiar, por que Sófocles teria intitulado sua peça Édipo Rei e não Édipo Pai?” Para o filósofo francês, trata-se de um drama político, de uma disputa de poder e não precisamente sobre desejos incestuosos inconscientes de caráter somente familiar.

Deve-se apontar que apesar do destino de Édipo ser terrível, sua imagem aos gregos antigos possuía características muito positivas. “Simboliza a busca da verdade a qualquer preço que, ao contrário da busca de conhecimento a qualquer preço, possui sempre um caráter ético”. Por existir uma origem unindo o sentido à verdade, o conhecimento deixa de existir apenas como um aglomerado de informações, passa a ter coerência orgânica, a ter um propósito, e que este propósito esteja em conformidade com a natureza e caráter humano. Édipo também simboliza o homem e seu logos como um poder mais forte que o sobrenatural, único capaz de vencer o medo. O Senhor de Tebas funda um racionalismo, mas um racionalismo iluminista e humanista, e não uma crença cega no poder da razão; um racionalismo pelo qual, mais tarde, Freud tanto buscou para explicar o aparente irracionalismo (inconsciente) do ser humano.

É evidente “o contraste entre a irracionalidade e a violência de Édipo quando se defrontou com Laios e sua comitiva - que atingem em cheio sua neurose (de acordo com Freud) - com sua atitude tranqüila diante da Esfinge”. Essa criatura sobrenatural representa as almas dos mortos retornando para buscar os vivos. Édipo permanece impassível diante da ameaça da morte, enquanto outros heróis - Ulisses, Perseu, Hércules - usam talismãs sobrenaturais ou possuem a seu lado a presença de algum deus, Édipo soluciona o enigma apenas pelo uso da razão. O futuro sempre aparece como enigma: o medo da morte que todo novo contém em si, que se não for decifrado também impedirá trazer o que o novo possui de bom.

Uma outra versão do mito relata que, quando questionado pela Esfinge sobre qual o animal que de manhã anda de quatro, ao meio-dia sob duas, e à tarde com três patas, Édipo não respondera: o homem, mas “apenas golpeou com o punho seu próprio peito (afinal, ele era

Oedipous)”. Ninguém decifrava a Esfinge, pois o enigma proposto possuía sempre uma resposta simples, porém difícil: o próprio sujeito e não algo externo a si. A imagem de Édipo diante da Esfinge simboliza que toda época que se procura a solução dos grandes problemas, a partir de próprio ser humano e não de algum ente externo, será uma época de humanismo, conhecimento e prosperidade.

A história de Édipo é a própria história do homem, de sua cegueira, de sua complexidade, da tentativa de compreender o real sentido de sua existência, impulsionado pelo desejo da descoberta e pela repulsa deste desejo. Mesmo tendo um destino para ser cumprido, o homem, na figura do mito, vai de encontro ao mesmo, tentando enfrentá-lo, numa desesperada busca da compreensão de sua existência, da sua origem primordial, ou seja, da origem familiar a que pertence. Esse é o tripé da história de Édipo: mãe, pai e filho, suas relações, seus medos, seus desejos. É neste triângulo familiar que as relações se estabelecem, “tensionado entre dois objetos de amor e ódio: o pai e a mãe”.

Diante do exposto, pode-se dizer que Sófocles, além de todas as interpretações de sua obra máxima, contribuiu de forma contundente para construção da teoria criada por Freud, a Psicanálise. Pode-se afirmar que com a história do mito de Édipo sendo transformada em Complexo pelo criador da Psicanálise, mudou a história da Psicologia, e por que não dizer da história do próprio homem, enquanto ser desejante e desejado, na rede das relações familiares e das conseqüências deste desejo e de tudo que o envolve. Será que é possível dizer que, neste sentido, Sófocles pode ser tomado como um precursor da psicanálise, ao trazer à luz as complexas redes familiares, a inexorabilidade do destino e a luta do homem para confrontar estas duas instâncias numa tentativa de constituir sua subjetividade, mesmo que para tanto, em sua fantasia, quando criança, tenha que se transformar em parricida e incestuoso? Como aponta Sófocles em seu texto, não há como escapar do destino, não há como escapar de si mesmo. Esta experiência, subjetiva em sua essência, se processa por meio de muito sofrimento psíquico e sofrimento moral, na eterna luta entre o desejo e o dever, pode ser vista em Édipo Rei, na última fala, com o coro:” (...) Por esta razão, enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz”.

Enfim, a obra Édipo Rei, é um clássico da literatura grega, conhecida e famosa no mundo inteiro, teatralizada e reeditada diversas vezes. Todos reconhecem a importância dessa criação literária.

## Experiência

O mito “Édipo Rei”, de autoria de Sófocles, foi trabalhado com os alunos do segundo semestre do Curso de Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa em três aulas, na disciplina Seminários Integrados II. A seguir encontram-se as datas das aulas em que o texto foi trabalhado, bem como suas respectivas atividades.

27/03/02 – Professor Menezes, ao final da aula, solicitou que fosse lido o texto Édipo Rei para, na aula seguinte, ser discutido profundamente. Ele disponibilizou os seus comentários sobre o texto para complementar a leitura sobre o assunto via internet.

02/04/02 – Foi solicitado que os alunos, individualmente, dissessem suas impressões relativas à leitura do mito, havendo, logo de início, uma manifestação positiva sobre o assunto. A turma demonstrou grande interesse quanto ao conteúdo e todas as reflexões a que o texto poderia remeter. Édipo Rei tem uma relação profunda com a psicologia, despertando a curiosidade e o prazer por parte dos alunos para chegar a uma compreensão maior sobre o assunto. Em seguida foi sugerida uma leitura dinâmica em sala, onde nove alunos representariam os personagens da tragédia e toda a turma representaria o coro. Após a dramatização, a sala foi dividida em grupos e ele pediu que fossem respondidas as seguintes perguntas: Quem é quem no texto? Quais são as suas ações? E que consequências trouxeram? Após vinte minutos, cada grupo expôs suas respostas, de acordo com a leitura prévia do texto.

Nesse mesmo dia, o orientador disponibilizou na internet seis questões relativas ao texto para que os alunos as respondessem. Também foi pedido que os estudantes pesquisassem em livros, dicionários, sites, entre outros meios.

03/04/02 – A turma foi dividida em grupos, com a tarefa de relatar a resposta de cada um às questões. Em seguida, Menezes determinou uma pergunta para cada grupo e pediu que o grupo direcionasse para cada componente o que seria aprofundado e pesquisado sobre cada pergunta. O resultado do trabalho foi alcançado segundo os seguintes parâmetros:

1o momento - foram levantadas propostas para uma análise geral do texto.

## INTENÇÃO DO AUTOR

Visão trágico-real

Limites e possibilidades

Valores éticos

Como se conduzir

Como conduzir

Como ser conduzido

## PERSPECTIVAS

Interesses: públicos

privados

Poder: político

religioso

social

Papel de : governante

governo

Inversão de papéis

#### PALAVRAS-CHAVES PARA BUSCA NA INTERNET

Tragédia, Sófocles, Trilogia grega, Teatro Grego, Édipo, Incesto, Desejo, Mito, Mitologia, Tebas, Tirésias, Oráculo.

09/04/02 – Cada grupo expôs sua resposta para a turma e o orientador, que, ouvindo cuidadosamente as respostas, intervia, quando necessário, para complementar as idéias, anotando-as no quadro, fazendo um esquema que sintetizava o que o grupo respondeu. Procedeu-se a análise geral do texto, seguida de uma discussão em grupos distintos, previamente estabelecidos; emergiram várias interpretações que deram margem à problematização do citado texto:

2o momento - levantamento de provocações.

#### CEGUEIRAS

Tirésias: Castigo de Atenas X Saber

Hera/Zeus, Vaticina. Prazer feminino e masculino

Édipo: Cegueira voluntária

Razão: culpa? Forma de redenção

Ou: imitação de Tirésias

Ou: defesa de próximos crimes

Ou: busca de introspecção

VISÃO RAIOS-X

Razão não expressa tudo

Tirésias, cego e místico, vê mais

Vidência: o que é?

Introspecção

CONTRASTE

Sófocles - mostra limite humano: desejo

homem domina a si?

biografia do engodo

desafio edípico: mudar condição estrutural de vida

## IDENTIDADE

No diálogo Édipo X Tirésias visualiza-se tragédia:

1. Quem sai? Qual o meu projeto? Sentido?
2. Busca edípica: racional emocional?

## DESTINO

Estar no mundo: intransferível, inevitável, inexorável.

Portanto, através do trabalho que realizamos em grupo, abordamos o texto em conjunto e as interpretações emergiram no próprio contexto acadêmico. Tivemos a oportunidade de conhecer o âmbito da tragédia grega através de Sófocles, considerando os movimentos que ele fez na escrita desta história e a riqueza do conteúdo, que oferece margem para várias interpretações. No final da aula o orientador direcionou individualmente o que cada aluno iria elaborar na prova do dia 14/04/02.

## E a Psi com isso?

O mito[1] procura descrever a relação entre fatos, pessoas, símbolos.... com forças desconhecidas. O mito vem a suprir uma necessidade do próprio homem, que é a de atingir dimensões inatingíveis, através da ciência e até mesmo da crença. Posto que os mitos se revelam em todas as culturas, é importante como dado psicológico à medida que serve como fonte de explicação – acerca de temas como a natureza do homem, sua origem e seu

fim – para as pessoas de conhecimento primitivo. Alguns grandes psicólogos recorrem aos antigos mitos para explicar muitos distúrbios psicológicos.

O mito a se tratar aqui é uma obra-prima de Sófocles que retrata a tragédia de Édipo, na qual podemos ver inúmeras implicações com a psicologia, cujo mais importante destaque é dado por Freud no Complexo de Édipo[2]. O mito serviu de suporte para que Freud estabelecesse um dos aspectos mais discutidos em sua teoria psicanalítica: a existência e importância da sexualidade infantil[3]. Na infância surgem as fantasias, a vontade de monopolizar o afeto do genitor do sexo oposto, desejando[4] anular o do mesmo sexo, resultando, quando este não é satisfeito, uma série de alterações emocionais que se revelarão na idade adulta.

O mito de Édipo expressa a relação com a família e de todas as implicações envolvidas neste meio. Sendo a relação parental de grande influência na vida do ser humano, ela se expressa no psiquismo humano e, conseqüentemente, na conduta das pessoas. Na tragédia de Édipo, Laio e Jocasta rejeitam[5] o próprio filho porque se sentiram ameaçados. Nossas escolhas estão intimamente ligadas à relação que tivemos com a figura paterna: Édipo andou por vários lugares, mas seu fim foi no lugar para onde a conduta afetiva de seus pais o conduziu no começo. Sendo assim, podemos dizer que o texto também sugere as bases da personalidade, que estão nos primeiros anos de vida e que o adulto gira em torno dos traumas infantis e acaba regressando na sua conduta, nos seus sentimentos, nos seus afetos.

Também podemos notar, no decorrer do mito, o confronto de Édipo para aceitar a verdade. E isso podemos relacionar com a busca do ser humano pela verdade e simultaneamente a rejeição desta, através de defesas que criamos, como se estivéssemos nos escondendo dela - o que causa um sofrimento e abala a saúde psicológica do indivíduo. Sendo assim, múltiplas são as relações da psicologia com este mito, envolvendo o

---

[1] Freud faz uma nova interpretação do mito, e Carl Jung, discípulo de Freud, vê o mito como manifestações do inconsciente da humanidade e que constitui a base da psique humana.

[2] O complexo de Édipo se refere à parte da estrutura mental dos homens, quando se tem o amor físico pela mãe e o impulso de assassinar o pai.

[3] Freud descobriu que a maioria dos desejos e pensamentos reprimidos eram conflitos de ordem sexual, localizados na vida infantil.

[4] Lacan enfatiza que não se deve entender o desejo como um desarranjo do instinto, mas como uma subversão ao nível da fantasia.

[5] Essa rejeição seria uma ótima fonte de estudo para os psicólogos à medida que se constata no texto não só uma rejeição geográfica como também, e por consequência, uma rejeição emocional.

## Fragmentos

Édipo é filho de Jocasta e de Laio, rei de Tebas. Laio e Jocasta são estéreis e, por isso, vão em peregrinação a Delfos consultar o oráculo Apolo, que permite que um filho nasça. O primogênito matará o pai e casará com a mãe, numa triste tragédia.

Édipo, príncipe de Corinto, é insultado por um embriagado, acusando-o de ser filho ilegítimo do rei Políbios. Este fato o deixa preocupado: “Eu desfrutava o mais alto prestígio, até se dar um caso tão estranho que nem devia preocupar-me tanto”. E recorre ao oráculo de Delfos; pode-se interpretar que Édipo vai interrogar o seu inconsciente.

Embora o oráculo evite responder à sua dúvida, dá informação de que Édipo está destinado a matar o pai e casar-se com a mãe: “O deus disse uma porção de coisas cheias de dor, de

tragédia e de luto”. Édipo, portanto, recusa-se à previsão, ao seu destino; e recusando-o, o cumpre.

Édipo continua o seu caminho sem saber que uma parte do seu destino foi cumprida, ter matado o próprio pai “...eu, tomado de raiva, ataquei o que estava me empurrando, o guia...”.

Ao chegar em Tebas, após ter desvendado o enigma da esfinge, Édipo desposa a rainha Jocasta: “E agora sou eu quem maneja o poder que era de Laio, que dele herdei o trono, o leito e a esposa”.

“Sofreis e também sofro...a dor dos meus vassallos importa mais do que a minha vida”. Édipo é um rei justo e adorado pelo povo, a sua voz política reside em resolver os problemas da população tebana. Há um movimento do rei em olhar o povo.

“Mas que ladrões ousariam matar assim um rei senão de acordo com alguém aqui em Tebas?” Podemos perceber que Édipo considera uma ousadia matar um rei, porém matar um homem comum talvez não tivesse grande importância, tanto que o próprio Édipo o fez.

“Eu ordeno, ao contrário, que o enxotem de suas casas(...) rogo aos céus, solenemente, que o assassino, seja ele quem for, sozinho em sua culpa ou tendo cúmplices, tenha uma vida amaldiçoada e má, pela sua maldade, até o fim de seus dias”[1] Édipo mostra toda sua autoridade de rei, e com o objetivo de encontrar o mal da cidade, amaldiçoa a si mesmo sem saber.

“Meus pais? – Espera! De quem eu nasci?”[2] Para um rei, Édipo faz muitas perguntas, deixando escapar sua também presente fragilidade humana. Apesar de rei, ele não sabe tudo.

“...eu, diante de todas estas coisas, ponho o maior empenho nesta causa como se fosse a do meu próprio pai” Édipo, ingenuamente, fala isso sem saber que a causa é exatamente a de seu pai.

“O que está por vir virá, mesmo que silencie”. O destino traçado pelo oráculo é algo inexorável, é a aceitação de seu nascimento. O homem não pode fugir de seu destino, por mais que deseje.

“Por sugestão de Creonte, mandei chamar Tirésias...”. Édipo procura desvendar os mistérios reinantes em Tebas.

“Tirésias! Tu que tudo percebes...hás de sentir, mesmo sem poder ver...” Édipo admite uma certa superioridade de Tirésias.

“Eu tenho comigo sempre a verdade”. A vidência de Tirésias é mostrada como um dom dos deuses, um olhar de espírito. No entanto, é com a sua chegada que “Édipo entra em um momento muito importante de sua existência, o estado da maturidade e da lucidez”. Fase de indignação, descobertas e aceitação de seu destino.

Com a morte de Políbios, Édipo passa a não temer o oráculo de Delfos, aceita a predição divina, pois para ele Políbios era seu pai verdadeiro. A morte de seu pai já é um ponto na escuridão”. Contudo, há receio da predição divina tornar-se verdade, por parte de sua suposta mãe (Mérope), “enquanto ela estiver viva, eu não estarei seguro”.

“Pois, então, fique sabendo que te constranges em vão”. O emissário revela a Édipo sobre seu verdadeiro pai (Laios) e onde foi encontrado quando criança (Várzea do Citerão) por um pastor. Este fato o incita a continuar o desvendamento de seu destino.

“Hei de seguir a trilha até o fim”. Repare que Édipo afirma a sua identidade opondo-se inicialmente a ela, mesmo sendo o seu caminho ”uma passagem de uma vida submissa a uma vida escolhida.”

“Esquece isso! Para que dar ouvido a tanto palavreiro sem sentido? Esquece isso!”[3] Jocasta, já percebendo tudo o que ocorre, insiste para que Édipo desista de descobrir a verdade, que arruinará tanto a ele quanto a ela.

“Que venha a tempestade!... Eu insisto em saber minha origem, por mais baixa que seja...”[4] Este fragmento poderia ser visto como coragem e determinação em descobrir quem verdadeiramente é, mas esse é o tamanho da sua angústia em não saber quem é; prefere saber algo, mesmo indesejável, do que viver sem respostas.

No entanto, o desenvolvimento do seu destino é marcado por sofrimento, angústia e revolta: “Para que fui nascer...maldito aquele que na montanha me salvou”.

“Olhos meus, não vereis mais esta culpa e esta vergonha, nunca mais vereis quem não deveríeis ter visto nunca, e para todo o sempre só vereis as trevas”[5]. Édipo cega a si mesmo na tentativa de se punir por todos os seus erros. O sentimento de culpa do ser humano consegue ser maior que sua verdade.

“Manda que me carreguem para longe, bem longe deste lugar!”. Édipo quer se isolar para se redimir de sua culpa.

---

[1] MENEZES, J.Complexo de Édipo: versão psicológica do mito. As palavras de Édipo, por ironia do destino, serão um “feitiço contra o feiticeiro”.

[2] MENEZES, J. Complexo de Édipo: versão psicológica do mito. Sófocles é um autor antropocêntrico. Seu herói é questionador.

[3] Idem. É impossível falar de Édipo sem falar de seu pai de sua mãe , pois estes são os vetores que constituem o perfil edipiano.

[4] Idem . Édipo enfrenta seu destino. O herói de Sófocles tem essa característica.

[5] BRANDÃO, J. Volume 3 Capítulo 8. As trevas externas vão gerar a luz interna para Édipo. Essa é uma forma de auto-conhecimento.

## Letra

A obra de Édipo Rei, escrita por Sófocles, foi interpretada e estudada por diversos autores ao longo dos anos. Por ser um texto de caráter enigmático, repleto de afirmativas negativas e interrogativas, precisamente 94 das 193 falas dessa tragédia grega, até hoje é possível encontrar interpretações diversas acerca deste mito.

Diante da riqueza de estudos hermenêuticos, muitos estudantes se confrontam com a obra e ainda conseguem descobrir outros aspectos e versões acerca do mito edipiano, mesmo depois de dois milênios da escrita de Sófocles. Mas é na Psicanálise que o mito será desenvolvido com grande força, através do Complexo de Édipo elaborado por Freud. Desde então, autores de áreas transdisciplinares interpretaram a história de Édipo Rei pautados no paradigma freudiano, que podemos evidenciar no trecho seguinte de sua própria obra:

Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúmes de papai, e agora o considero um fenômeno universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas.

Isso interferiria na formação psíquica do sujeito, trazendo conseqüências para toda a sua vida. Porém, este paradigma foi muito questionado pelo relativismo histórico. Será que o uso de uma história ocorrida há dois milênios atrás, com um contexto histórico-cultural,

portanto, distinto do atual, poderia servir para a comprovação da teoria de um sujeito como Freud, no final do século XIX?

Os ardorosos defensores do paradigma freudiano, provavelmente, responderiam arrebatadamente que:

a psicanálise sempre possuiu algo de platônico em sua fundamentação epistemológica. Platônico na acepção de, consciente ou inconscientemente, acreditar que por detrás dos fenômenos existem essências universais e eternas, pelo menos no que concerne ao ser humano.

Essa universalidade teria como base o paralelismo existente entre a filogênese e a ontogênese, ou seja, armazenaríamos uma bagagem histórico-cultural de nossas espécies. Desta forma, a teoria freudiana sobre o complexo poderia ser utilizada por todos os indivíduos em lugares e épocas distintas.

No entanto, analisando minuciosamente tal mito, ficamos na dúvida se a versão sofocliana não foi contaminada pelos valores da época, transformando a história de Édipo em uma obra de caráter dogmatizador dos princípios de Sófocles. Esse é um problema que podemos evidenciar quanto à constituição física do personagem Édipo. Por ter ficado preso pelos tendões no monte Citerão, ele deve ter ficado com uma deformação física, tendo dificuldades no seu caminhar. Uma vez que Édipo era um herói, não poderia possuir defeitos físicos. Deveria ser belo e perfeito como os deuses mitológicos. Deste modo, Sófocles omite essa questão, possivelmente influenciado pelos valores da época. Assim evidencia a pesquisadora Marie Decourt no seguinte trecho encontrado em Junito Brandão:

O mito de Cípselo e Édipo, pensa a autora, origina-se do hábito de se exporem os recém-nascidos deformados. Mas, acredita ela, como ambos são vitoriosos e os antigos não podiam admitir que seus heróis fossem fisicamente deficientes, atribuiu-se o defeito físico a um antepassado próximo: no caso do rei de Corinto, a Labda, e no caso do rei de Tebas, a

Labdáce e Laio, cuja etimologia popular traduzia “o esquerdo, o cambaio”. Fica, pois, justificada, ao menos do ponto de vista “religioso e epistemol3gico”, a exposiçáo de Édipo.

Outro elemento questionável quanto à ipsilateralidade da obra é a batalha travada entre Édipo e Laios, seu pai. Segundo Delcourt, esse combate seria originado de um velho antagonismo, entre pai e filho, na luta pelo poder, cujo desfecho é sempre a vitória do mais jovem. Essa disputa fazia parte de um rito das sociedades primitivas, que permitia ao jovem suceder o velho rei através da morte. Como a sucessáo patrilin ear se tornou vigente, surgiu o contexto familiar com todos os problemas morais que lhe são inerentes. Com a intenção de atenuar esse impacto dos combates primitivos, Sófocles transforma a morte de Laio num acidente de caminho. Os poetas evitam colocar em cena o mais horrendo dos crimes aos olhos da sociedade patriarcal grega.

A despeito, no entanto, de seu horror pelo parricídio, os trágicos tiveram muitas vezes que tratar em público de uma hostilidade de fato entre homens de gerações diferentes, o que patenteia a importância que possuíam a sucessáo por morte na pré-história grega e o peso das velhas gerações.

Desta forma, o paradigma freudiano pode ser questionado quanto a sua validade.

## Indução

1 – Indiretamente pela (?), Édipo torna-se rei casando-se com a rainha viúva de Tebas – Jocasta. Desta forma, a (?) colabora para que o destino de Édipo seja confirmado, já que estava traçado desde o seu nascimento: deveria ele matar o pai e casar-se com a mãe. Ao desvendar o enigma da (?), Édipo torna-se rei, portanto, casa-se com a rainha viúva, que é sua mãe.

2 - Tirésias vê com os olhos da mente por ter (?). Sendo esta uma visão mais ampla do que a visão daqueles que enxergam com os olhos físicos. Por outro lado, ela também pode servir para que a realidade não seja enxergada, e talvez por isso Édipo tenha vazado os olhos. Pode ser considerada a representação do verdadeiro reconhecimento de si mesmo e do mundo.

3 - Édipo, ao saber que poderia ser filho adotivo, busca ajuda do oráculo, que lhe conta o destino de matar o pai. Ele fica embaraçado e foge da cidade acreditando estar fugindo do destino de matar seu pai, Pólibo, que era o adotivo. Contudo, na fuga, Édipo mata um homem na estrada devido a um pequeno desentendimento de trânsito, este é o seu pai Laios. Com esta (?) da vida, Édipo enfrenta a si mesmo, assume sua culpa e pune a si mesmo.

4 - A punição que Édipo escolheu para si mesmo tanto pode ser encarada como coragem, por cegar-se e, talvez, dessa forma buscar enxergar com os olhos da mente, como Tirésias, como pode ser encarada como (?), por cegar-se para não ver mais, assim não poderia errar novamente, estaria livre de cometer outros pecados.

5 - O comportamento humano é rodeado por (?). Édipo tem atitudes que o demonstram: primeiro não se percebe culpado; no segundo momento, sim. Logo depois ele se pune vazando os próprios olhos; num quarto momento, não quer enxergar mais ou, talvez, enxergar como Tirésias. Atualmente esse nome é utilizado em: (?) de inferioridade ou (?) de Édipo ou (?) de superioridade.

6 - Édipo busca sua (?) através do oráculo no momento em que fica sabendo que poderia ser filho adotivo; busca informação sobre sua origem. Num segundo momento a (?) é buscada, inconscientemente, por meio de Tirésias. Surge a partir do conflito encontrado na busca da verdade, na rejeição da mesma e no conseqüente sofrimento que este traz.

7 - Édipo, como governante, trata o povo com dignidade, buscando concretizar aquelas promessas que quase todo político faz, porém não cumpre por falta de (?). O governante trabalha para o bem-estar da população.

8 - Método utilizado pela psicologia na busca de autoconhecimento. Tirésias a tinha desenvolvido (?) no seu processo de cegueira, enquanto que Édipo tardou a utilizá-la no seu processo de identificação.

9 - É algo que todo ser humano tem, mas nem sempre a (?) é percebida e, então, o homem age como se fosse “senhor de si”, muitas vezes se sentindo “o mais poderoso dos poderosos”. Contudo, a (?) existe e vem provar ao homem que ele não é capaz de tudo e, muito menos, melhor que tudo.

10 - Sábio cego que serve como uma “ponte” entre Édipo e a trágica verdade de sua vida. No mito, ele age como servidor do deus Apolo. (?)

11 - Com a impotência do ser humano diante dele, só resta aceitá-lo. (?)

12 - Representa um diálogo entre os personagens e o público, fazendo uma recapitulação dos elementos presentes em determinados trechos da obra. (?)

13 - Usou o mito Édipo Rei para descrever uma estrutura central da constituição do ser humano, levando a uma nova compreensão dessa tragédia. (?)

14 - Lugar onde Édipo nasce e descobre a verdade sobre si mesmo. (?)

15 - Desde sua primeira vitória em concursos de Atenas, aos 28 anos, foi festejado e homenageado como o maior dos poetas trágicos (?).

16 - Édipo, ao descobrir o enigma da Esfinge, passou a valorizar ainda mais seu lado (?).

RESPOSTAS:

1

ESFINGE1

2

CEGUEIRA

3

IRONIA

4

COVARDIA

5

COMPLEXO

6

IDENTIDADE

7

ÉTICA

8

INTROSPECÇÃO

9

LIMITAÇÃO

10

TIRÉSIAS

11

DESTINO

12

CORO

13

FREUD

14

TEBAS

15

SÓFOCLES

16

RACIONALISTA

---

1 Monstro que é metade mulher, metade leão. Ele estava aterrorizando a cidade de Tebas com um enigma que foi desvendado por Édipo. O trono da cidade estava reservado para quem solucionasse o enigma, então Édipo tornou-se rei de Tebas.

## Provocação

A história de Édipo nos convida a descer às profundezas da Antropologia e da Psicanálise modernas, que foram intuitivamente perscrutadas pelos poetas desde tempos imemoriais. Somos lembrados de impulsos anárquicos incestuosos que complicam a vida do homem e se exprimem em tantos tabus primitivos e neuroses civilizadas. Esta tragédia tem uma vida dupla: aquela que expressa e aquela que provoca.

Em relação ao mito de Édipo, com suas variantes, bem como em relação à peça de Sófocles, são encontradas com frequência muitas críticas ao uso que deles faz a Psicanálise. Tais críticas podem partir de interpretações junguianas, como sintetiza Junito Brandão em obra de peso como a Mitologia Grega (1987).

O autor[1] levanta uma questão: o ato assassino de Édipo, ou seja, o assassinato de Laio como fruto de simples coincidência ou que nada diferente poderia ter feito, seria destino, era apenas joguete da cega fatalidade? Diante desse dilema, Medeiros Bezerra tenta justificar a crítica argumentando que acreditando que os reis de Corinto[2] fossem seus pais verdadeiros, Édipo fugira em uma tentativa extrema de evitar que a profecia a que estava destinado fosse cumprida. A provocação é a de que o assassinato de Laio e de sua comitiva, cometido por Édipo na tríplice encruzilhada da estrada que o levaria a Tebas, foi fruto de mero azar, apenas uma funesta coincidência serem pai e filho, sem que nenhum dos dois o soubesse.

Édipo fora abandonado recém-nascido. Como poderia, então, ter alguma noção de que Laio e Jocasta fossem seus verdadeiros pais? A justificativa apresentada por Barcellos

Serralta[3], para resolver este impasse, está sustentada em um dos pilares da Psicanálise – a existência de um inconsciente dinâmico que guarda marcas mnêmicas[4] desde o nascimento.

Diante das provocações e divergências de interpretação, a compreensão freudiana do drama edípico articula em si a chave para a compreensão da sexualidade, a psicopatologia psicanalítica, os conceitos de recalque e de transferência, sem os quais não é possível acesso ao inconsciente dinâmico e à psicoterapia.

Finalizando, é importante ressaltar que no estudo do mito de Édipo encontra-se o homem e seus desejos, fantasias e questionamentos sobre o que constitui a sua essência. Como afirma Mezan (1987): ao pensarmos psicanaliticamente um mito podemos fazer surgir frutos da nossa própria produção inconsciente, de nossas associações presentes e experiências passadas.

---

[1] Críticas mais específicas à interpretação do mito de Édipo (Junito Brandão,1987).

[2] Pólibo e Mérope

[3] Artigo que trata das Reflexões sobre os Mitos.

[4] Relativo à memória

## Alvo

Qual o motivo pelo qual o autor desenvolve a história de Édipo Rei em cima de uma tragédia?

Qual seria o motivo de Sófocles ter tratado do incesto naquela época?

Qual a relação entre DIKE[1] e a razão humana? O diálogo entre Tirésias e Édipo pode nos dar uma noção desta relação? Em que dimensão?

Qual seria o motivo de Sófocles[2] ter tratado do incesto naquela época?

Por que Freud, através do texto de Sófocles, constrói sua teoria do incesto se no mito Édipo não sabia da existência do parentesco com Laios e Jocasta?

Por que no texto Édipo é tratado ao mesmo tempo como o herói e o vilão[3]?

Seria possível fazer uma analogia entre Tirésias e um psicanalista, já que ele não dá a resposta pronta a Édipo, fazendo com que ele busque através da introspecção a verdade interior que buscava?

Por que Édipo, apesar de desvendar o enigma da esfinge, não conseguia desvendar seu próprio enigma?

Será que com a cegueira voluntária Édipo estaria fugindo da realidade, ou buscando sua realidade interior, como Tirésias, que enxerga com os olhos da mente?

Quando Édipo vaza os olhos ele estaria vazando sua culpa? Haveria no seu ato uma mistura de punição e salvação?

O que pretende o autor ao contrastar a cegueira física de Tirésias com a cegueira “espiritual” de Édipo[4]? Estaria esse contraste relacionado às questões entre mítico e racional?

Por que Édipo, tão racional ao desvendar o enigma da esfinge, não está apto a desvendar o enigma de sua própria existência?

Qual a intenção de Sófocles ao propor, no texto, dois oráculos (Tirésias e o próprio Oráculo)?

Por que Édipo assume, de forma tão impiedosa, a culpa, embora tenha se condenado ao degredo na tentativa de fugir do seu destino?

O que pretendia Édipo ao arrancar seus próprios olhos? Seria uma tentativa inconsciente de voltar a um estado de felicidade?

A tragédia que se abate sobre Édipo, ao mesmo tempo herói e vilão, questiona a existência da felicidade plena?

Em que contexto vivia Sófocles para escrever de forma tão trágica a história de uma família?

Segundo o texto, a vida seria resolvida de forma racional? Como o afeto se insere nesse contexto?

Por que um texto tão antigo provoca até hoje tanta comoção?

O que Sófocles pretende mostrar com a figura democrática do rei?

Como Freud se baseia na tragédia Édipo Rei para sustentar sua teoria sobre o Complexo de Édipo?

Fundamentado em que Freud postula padrões de comportamentos repetitivos em sociedades e épocas tão distintas?

Representaria o enigma de Édipo a realidade inconsciente recalcada no indivíduo?

O que representava o incesto no contexto grego da época e o que representa hoje para as sociedades atuais?

---

[1] DIKE, filha de Zeus e Temis, deusa da justiça divina; no texto, justiça divina.

[2] Sófocles, autor do texto Édipo Rei.

[3] “para Édipo a charada não ofereceu problema...Quando a esfinge escutou esta resposta, ficou tão enraivecida e mortificada que se jogou no precipício, causando sua morte”[www.miner.com.br](http://www.miner.com.br)

[4] “Tirésias: ... já que me ofendes por minha cegueira: os dois olhos que tens pouco adiantam, pois não vêes a miséria que te cerca nem a casa em que vives, nem com quem...”

SÓFOCLES. Édipo Rei. Editora Vozes. Petrópolis, 1976. p. 29

## Método

Sófocles (495-406 a.C.), dramaturgo ateniense, juntamente com Ésquilo e Eurípides, foi um dos grandes poetas dramáticos da Grécia antiga, e também o mais humanista, qualidade que pode ser

vista em três de suas obras: Édipo Rei, Édipo em Colona e Antígona. No entanto foi Édipo Rei que o consagrou como maior trágico da Antigüidade grega.

Aurora do teatro moderno, a tragédia grega, profundamente ligada a cultos e tradições, é também um reflexo da vida pública do período clássico. Numa época em que o conservadorismo religioso se misturava a idéias inovadoras, o teatro só podia refletir tais ambigüidades e tensões.

Todo o teatro que se fez até hoje no Ocidente tem suas raízes mais profundas na obra de Sófocles. Mesmo sendo verdade que não podia violar várias normas e/ou interdições, Sófocles inovou a tragédia grega ao deslocar o motivo das ações para a vontade humana e não mais para as maquinações divinas.

Outra inovação de Sófocles diz respeito à técnica e à construção teatral de seu tempo. Aos dois atores já empregados por Ésquilo acrescentou um terceiro, o que permitiu ampliar o número de personagens (um ator desempenhava vários papéis) e as relações que se estabeleciam entre eles. Diminuiu o número de participantes do coro, que atua como personagem coletivo, num diálogo com o protagonista, e deu a ele tratamento mais livre, fórmula depois aperfeiçoada por Eurípides. Da mesma maneira, dotou suas construções dramáticas de maior flexibilidade, mediante o uso de um verso mais rítmico e articulado.

Sófocles substituiu a trilogia unida por uma trilogia livre, isto é, cada drama apresenta uma intriga e uma ação independentes. A ação, em Sófocles, é psicológica, conduzindo-a a vontade e as paixões do herói.

Sófocles escrevia numa época em que a religião e a arte, a inteligência e a imaginação andavam juntas. Nem ele escreveu teatro extremamente bem, dando-lhe a seguir uma conotação religiosa, nem lhe inculcou idéias religiosas, vestindo-as com as roupagens do drama.

A tragédia grega põe em cena, sob a forma de “drama”, acontecimentos tirados da lenda heróica, a mesma que os poetas épicos cantaram vários séculos antes. Para nós, estes acontecimentos têm um caráter de lenda, mas para os gregos eram história. E esta história estava sempre em relação direta ou indireta com a cidade onde se representava a tragédia, apresentando as influências da filosofia e da política da época.[1]

Sófocles compreendia que os deuses às vezes podem ser cruéis para com os homens. É dessa mesma crueldade que ele se serviu para compor sua peça, evidenciando, no entanto, a perplexidade, a impotência e o lamento daqueles que se vêem como meros dados no jogo dos deuses.

Seu tema predileto, como de toda a tragédia grega, foi o destino. A tragédia não é senão a impotência do homem para lutar contra o destino. Sófocles, embora tivesse o homem como o centro do mundo, acreditava no poder dos deuses e na predestinação. Sua obra carece da conotação épica própria das tragédias de seu predecessor Ésquilo, mais arcaico e religioso, e difere dos episódios de seu contemporâneo Eurípides, mais humano, psicológico e sofisticado. Sua poesia é a preferida dos classicistas de todas as épocas.

Nos detalhes de sua dramaturgia, Sófocles emprega ironia trágica ou contraste patético com grande habilidade e a efetividade do estratagema é mostrada no poderoso Édipo Rei. Mestre na nascente e difícil arte da caracterização[2], Sófocles é mestre consumado no artifício do suspense trágico, do qual Édipo Rei é um exemplo supremo.

O drama trágico de Sófocles, texto enigmático, essencialmente de natureza teatral, pode se impor como um texto de época, para uns, ou como criação que aprofunda a psicologia humana, para outros, ou, ainda, como rica fonte filológico-literária.

Das 193 falas de Édipo na peça, 94 são ao mesmo tempo negativas e interrogativas, e iniciadas pela partícula negativa não[3], indicativa da natureza enigmática de Édipo enquanto personagem dupla, em busca de si mesma, representando, assim, a dúvida, a ambigüidade, o enigma de Édipo.

Outra característica observada em Édipo Rei é a utilização de metáforas na composição do texto[4]. Na opinião de Pires[5], “o texto sofocleano seria falho em sua estruturação sintática, transgredindo a lei de articulação opositiva formulada pela construção de partículas”.

Sófocles, através do recurso da antítese, utiliza os contrastes para reforçar personagens e situações, enriquecendo e tornando mais claros os conflitos de sua história, mostrando-os em oposição aos poderes que regem o mundo.

-----

[1] Os dramaturgos tinham como privilégio um público constituído por cidadãos de alta estirpe, com uma característica peculiar: um forte espírito prático e político. Fosse o dramaturgo trágico ou cômico, escrevia para grandes ocasiões e para um público exigente. Nessa acorrida às praças, onde eram encenadas as ações teatrais, o que se buscava era a discussão e a cristalização dos altos assuntos de Estado.

[2] É o seu soberbo dom para a caracterização que enriquece a simples mecânica da dramaturgia com vida, agonia e plausibilidade.

[3] “Édipo - Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe?”.

[4] Sófocles distingue duas classes de idade de definições opostas: uns as crianças, a apontar para o princípio, outros, os velhos, a apontar para o fim da vida, dizendo as limitações do alcance das suas capacidades locomotoras. Para as crianças, a fragilidade de seres aos quais falta ainda a força dos membros, para os velhos, também a fraqueza, mas agora por morosidade. Em ambos marca o estado limiar, para uns inicial, para outros final, de impotência de ação.

[5] PIREs, Francisco Murari.  
[<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/personas/édipo/ensaios/visaoidades.html>].

## Glossário

Aguilhão: ponta de ferro da vara usada para tanger bois.

Aleivosia: traição; deslealdade; dolo; fraude.

Anátema: maldição.

Anfitrite: esposa de Netuno, deusa do mar e filha do Oceano e de Dóris.

Apolo: deus do Sol, a luz.

Ártemis: deusa da caça e da serena luz, é também chamada de Diana, a mais pura das castas deusas. Divindade romana, Ártemis dos gregos, filha de Júpiter e de Latona, irmã mais velha de Apolo, nasceu em Delos; tem, no céu, os nomes de Lua e Febe e, nos infernos, o de Hécate.

Assacar: imputar ou atribuir caluniosamente.

Atena: deusa grega da sabedoria e da inteligência; filha de Júpiter, também chamado Zeus.

Bojo: saliência arredondada, barriga.

Conúbio: ligação, aliança.

Delfos: cidade da Grécia antiga, situada na região da Fócida. Sede do culto à deusa Gaia e, mais tarde, do oráculo do deus Apolo.

Desejo: na concepção dinâmica Freudiana, um dos pólos do conflito defensivo. O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. Anseio; aspiração veemente; apetite carnal; concupiscência; impulso, acompanhado da imagem da sua satisfação; surge quando há demora na satisfação deste impulso.

Desterro: ato de desterrar. Fazer sair da terra, do país, banir.

Destino: encadeamento de fatos supostamente fatais; fatalidade. Circunstância de ser favorável ou adversa às pessoas ou coisas esta suposta maneira de ocorrerem os fatos. Entidade misteriosa que determina as vicissitudes da vida.

Édipo: Filho dos reis de Tebas, Laio e Jocasta. O oráculo do deus Apolo em Delfos, profetizou que, quando chegasse à idade adulta, ele mataria o pai e se casaria com a mãe.

Enigma: coisa obscura.

Ignomínia: grande desonra, infâmia.

Implumes: que ainda não têm penas ou plumas.

Incesto: união sexual ilícita entre parentes consangüíneos, afins ou adotivos.

Ismeno: da mitologia greco-romana, era um rio onde encontravam-se ninfas chamada Ismênides.

Látigo : açoite de correia ou de corda.

Ninfas: Possuíam extraordinária beleza, alvura e delicadeza, e eram amigas dos brinquedos e das pândegas. Distinguiam-se: as Oceanides e as Nereidas (ninfas do mar); as Náíades (ninfas das fontes e rios); as Oréadas (dos bosques e grutas); e as Dríadas e Hamadríadas (que habitam as cascas dos carvalhos). Criaram Baco e outros deuses. São representadas como lindas moças coroadas de pérolas, tendo nas mãos fitas e flores ou uma concha ou, ainda, uma urna, por onde correm as águas de uma fonte.

Oráculo de Delfos : local onde os deuses se conectavam com os humanos, dando-lhes os seus conselhos.

Oráculo: pessoa cujo conselho tem grande autoridade. Resposta dada por uma divindade a quem a consultava. O Oráculo de Delfos era o local onde os deuses contactavam com os humanos, dando-lhes os seus conselhos. A crença de que o futuro pudesse ser predito de maneira certa pelos oráculos desenvolveu singularmente na antigüidade a idéia da fatalidade, que em nenhuma parte transparece tão nitidamente como na lenda de Édipo; os seus esforços não conseguem livrá-lo da sentença que lhe foi anunciada pelo Oráculo, e tudo quanto ele faz para evitar o destino só acelera os inclementes decretos.

Pan: deus dos rebanhos, dos pastores, dos campos, dos desfiladeiros, das cavernas e, enfim, de tudo. Personificava a natureza; era venerado na Arcádia, onde proferia oráculos. Em sacrifício, ofereciam-lhe mel e leite de cabra. Semi-homem e semicapro, companheiro de Baco, corria pelos montes, vales e florestas caçando ou acompanhando a dança das ninfas com o mavioso som da sua flauta pastoril. Sendo Pan um gênio maldoso, qualquer rumor estranho lhe era atribuído: o sibilar do vento, o estalar de um galho, o cair de um fruto, o rolar de uma pedra por um barranco abaixo, o restolhar de um animal, o piar agourento de uma ave, tudo revelava a sua presença, sobressaltando as ninfas e os pastores, e pondo em debanda os rebanhos. Daí se originou a expressão "terror pânico", hoje empregada.

Parricida: quem assassinou o próprio pai.

Pérfido: falso, traiçoeiro.

Rei: soberano de um reino; o chefe do Estado de um país monárquico; soberano de uma monarquia; monarca; príncipe reinante. Pessoa que exerce um poder absoluto. Indivíduo mais notável entre outros da sua classe, em determinada atividade. Tirésias: Tirésias, um vidente de Tebas. Dizia-se que ele tinha sido cegado pela deusa Atena porque a viu tomando banho, mas foi recompensado por ela com o dom da profecia. De acordo com outra versão, ele foi transformado em uma mulher. Depois, tendo se tornado homem novamente, ele foi questionado por Zeus e Hera, rei e rainha dos deuses, sobre em qual dos sexos teve mais prazer no amor. Quando ele respondeu que enquanto mulher precisou ter

prazer por nove vezes para se igualar ao do homem, Hera, enfurecida, cegou-o, mas Zeus lhe concedeu vida longa.

Venal: corrupto, subornável.

Viandantes: caminantes, viajantes.

Vidente: que se diz dotado de faculdade de visão sobrenatural.

Vileza: qualidade ou ato de vilão.

Zeus: Júpiter, dizem os poetas, é o pai, o rei dos deuses e dos homens; reina no Olimpo e que com um movimento de sua cabeça agita o universo. Divindade suprema do Olimpo, Zeus é o personagem mitológico que, segundo Hesíodo e outros autores, nasceu de Réia e Cronos, o qual engolia os filhos para evitar que se cumprisse a profecia de que um deles o destronaria. Após o nascimento de Zeus, Réia ocultou a criança numa caverna, em Creta, e deu uma pedra envolta em faixas para o marido engolir. Quando chegou à idade adulta, Zeus obrigou o pai a vomitar todos os seus irmãos, ainda vivos, e o encerrou sob a terra. Transformou-se, então, no novo senhor supremo do cosmos, que governava do cume do monte Olimpo.

## Sobre

ABAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Mestre Jou, São Paulo 1982.

Édipo Rei. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1976.

ARANHA, M<sup>a</sup> Lúcia A. e MARTINS, M<sup>a</sup> Helena Pires. Filosofando, introdução à filosofia. Editora Moderna, São Paulo, 1993.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes. 1997. vol. III, cap.8.

FELÍCIO, Goiamérico. A tragédia do poder sem saber. <http://www.jornalopcao.com.br/>

FERREIRA, Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira, 1<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, 1975.

GUMBRET, Hans e MOST, Glenn e outros. Filosofia e literatura: o trágico - Filosofia e Política, Série III, n<sup>o</sup> I; Jorge Zahar Editor, RJ.

KURY, Mário. A Trilogia Tebana, pág. 7; Jorge Zahar Editor – RJ, 2001.

JAEGER, Werner. Paidéia, a formação do homem grego. Martins Fontes, São Paulo, 1995.

LAPLANCHE E PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes. (referência incompleta).

LOPES, Anchyses Jobim. (7/10 de setembro de 2000). Édipo e seu mito – mais de um século. <http://www.cbp-rj.org.br/rev2000edipo.htm>.

MARTINS, Paulo. (23/10/99) Uma chave para a consciência trágica grega. <http://www.jt.estadao.com.br/noticias/99/10/23/sa5.htm>.

MENEZES, José. Mestrado em ciência da família – artigo, UCSAL (Universidade Católica de Salvador).

MENEZES, José. Complexo de Édipo: versão psicológica do mito.

OLIVEIRA, Wilton Fred C. de. O devir em Édipo-rei.  
<http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/Fred1.htm>.

OTTONI, Paulo. Teoria polifônica, escritura e tradução: algumas considerações.  
<http://www.unicamp.br/~ottoni/TEORIAPOLIFoNICA.htm>.

PELLEGRINO, Helio. Édipo e Paixão in Tempo Psicanalítico, XI (I): 2-9, 1988.

PIRES, Francisco Murari. Édipo e (o enigma d)a visão das idades.  
<http://www.fflch.usp.Br/dh/heros/personas/edipo/ensaios/visaoidades.html>.

SOFÓCLES. A Trilogia Tebana / Sófocles, tradução do grego, Mario da Gama Kury – 9ª ed. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

VICENTINO, Cláudio. Historia Geral; Ed. Scipione – SP, 2ª edição, 1997.

Sites:

<http://www.teatrochik.tema.com.br/historia>

<http://orbita.starmedia.com>

<http://kplus.cosmo.com.br>

<http://pegue.com?grecia/edipo.htm>

<http://www.warf.med.br/lit05b.html>

<http://www.twocousins.hpg.ig.com.br/salaletica/tetro/sofocles.htm>

<http://www.geocities.com/Athens/4539/edipo.html>

<http://www.paidea.hpg.ig.com.br>

<http://www.artehistoria.com.frames>

<http://www.dionisius.hpg.ig.br>

<http://www.dplanet.ch/users/l.lecci>

<http://www.mundodosfilosofos.com.br>

<http://www.unith.it/numero38/edipo>

<http://www.humanas.ufpr.br>

<http://www.neomonox.com/esfera/008/teatro-edipo.htm>

<http://www.miniweb.com.br>

<http://www.service-public.com>

<http://www.verbo21.com.br>

<http://www.angelfire.com/ak/affrodite1/page5.html#G>

<http://www.uol.com.br/michaelis>

<http://www.geocities.com/WestHollywood/Parade/3179/>

<http://www.ulbra.br/psicologia>

<http://www.autoriaecia.com.br/00/1104/001104.htm>. (Contrastes no teatro grego)

<http://www.zahar.com.Br/catalogo/> (Jornal do Brasil)